

A INVENÇÃO DE NATAL: a construção social da cidade, uma entrevista com Durval Muniz de Albuquerque Júnior¹

Anne Caroline Araújo de Maria²

UFRN: <https://orcid.org/0000-0003-0123-6755>

Tadeu de Oliveira³

UFRN: <https://orcid.org/0000-0001-8272-0746>

DOI: 10.21680/1982-1662.2023v6n36ID31727

Apresentação

Reconhecido internacionalmente por suas obras, a exemplo da sua pesquisa *A invenção do Nordeste e outras artes* (1999) e *História: a arte de inventar o passado* (2007), dentre outras produções, quando contactado, o professor Durval Albuquerque aceitou prontamente nos conceder uma entrevista sobre a história da cidade do Natal. Desta feita, a entrevista de história oral, voltou-se para compreender pelas lentes de Durval Albuquerque sobre a construção social das espacialidades de Natal.

Agendado para um fim de tarde, a entrevista ocorreu em 31 de janeiro de 2023 no *Mahalila Café e Livros*, próximo à Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, na capital potiguar. Transcorrendo como um bate-papo por mais de duas horas, o professor Durval costurou como um *Tecelão dos Tempos*⁴ a narrativa da história da capital do Rio Grande do Norte, tecendo os fios da política, do urbanismo e das

¹ Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba, Mestre e Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas, Pós-Doutorado em Educação pela Universidade de Barcelona e em Teoria e Filosofia da História pela Universidade de Coimbra. Professor titular aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, professor visitante da Universidade Estadual da Paraíba e professor permanente dos Programas de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco e Universidade Federal do Rio Grande do Norte (LATTES, 2023).

² annecarolineamaria@gmail.com

³ tadeudeoliveira89@gmail.com

⁴ *O Tecelão dos Tempos: novos ensaios de teoria da história*, obra lançada em 2019 por Durval Albuquerque, pela editora Intermeios, na qual faz uma análise sobre a profissão de historiador.

culturas local e regional.

É primoroso destacarmos que, em face da riqueza de informações trazidas e da oratória envolvente do entrevistado, optamos por seguir um percurso mais livre às perguntas previamente formuladas, permitindo que a entrevista se desenrolasse pelas memórias e narrativas do historiador.

Ademais, priorizamos manter as respostas longas, que retratam o conhecimento e prática de um educador, suprimindo apenas alguns trechos que se deslocavam do eixo da nossa entrevista. Para efeito de melhor compreensão ao leitor, inserimos notas de rodapé explicativas sobre a geografia urbana da cidade, sem que para isso recorrêssemos necessariamente a uma bibliografia específica, posto que como cidadãos natalenses buscamos uma contextualização espacial dos locais citados por Durval Albuquerque.

Em sua mais famosa obra, *A invenção do Nordeste e outras artes*, que foi fonte de pesquisa para a peça teatral *A invenção do Nordeste* do Grupo Carmin⁵, Durval Albuquerque traz os mecanismos estéticos, históricos e culturais das primeiras décadas do século XX, que contribuíram para a formação do nordeste como um espaço idealizado e deslocado do processo histórico.

Não distante da construção de uma espacialidade do imaginário com a criação do Nordeste, tem sua similaridade, de certa maneira, a construção da espacialidade de Natal, motivo pelo qual trazemos como tema da entrevista uma metáfora à obra do professor.

Prezado professor Durval, primeiramente manifestamos os nossos agradecimentos pela sua disponibilidade em conceder esta entrevista. Nossas principais indagações buscam compreender, como se desenvolveu a construção social da espacialidade de Natal?

Natal é uma das cidades, quer dizer, uma das ocupações mais antigas dos portugueses na América. A partir da conquista que vem de Pernambuco, a frente da expansão da conquista portuguesa. Porque aqui você tinha uma ocupação dos franceses nesse litoral, os franceses tinham contato com os índios que habitavam aqui nessa área, os potiguaras, e vinham extraíndo pau brasil com o auxílio dos indígenas.

⁵ Grupo de teatro de Natal, cuja peça *A invenção do Nordeste* foi aclamada em turnê nacional.

Os portugueses resolveram conquistar definitivamente essa área. Natal vai ser construída, como era costume por parte dos portugueses, numa elevação distante da costa. Porque uma tradição das cidades portuguesas é que elas são normalmente localizadas em locais altos e distantes do mar. Ao contrário do mundo moderno, no final da Idade Média, começo da Idade Moderna, quando os portugueses chegam aqui, não existe o gosto pelo mar.

O mar tem uma visão completamente negativa. Os homens pensam o mar como lugar de sujeira, como lugar de perigo, como lugar, inclusive, da habitação de monstros. Então, por exemplo, não há o desejo de praia. Ninguém vai à praia. Isso é uma coisa do século XIX pra cá.

Então você pode perceber, por exemplo, Salvador. Você tem o litoral e Salvador foi colocada numa área completamente longe do litoral, localizada em um ponto estratégico, porque se colocar no alto era estratégico para ter o domínio do território em volta. Se você se coloca em uma colina, você sabe quais são os inimigos que estão vindo lhe atacar, é um ponto privilegiado.

O primeiro espaço da cidade era o forte⁶, uma igreja⁷ e uma espécie de praça em volta da igreja. Você pega ali a praça André de Albuquerque⁸, é o local inicial da cidade do Natal. Você conseguia naquele espaço ter um domínio sobre a embocadura do rio (Potengi), que era a coisa mais importante a ser controlada. Por isso que o forte vai ser colocado na embocadura do rio. Justamente, o porto de Natal até hoje é um porto fluvial, ele não é um porto no mar, portanto, era estratégico para o domínio.

Quando os holandeses dominam Natal, o que eles conquistam? Eles conquistam o forte. Há uma grande batalha pelo domínio do forte porque você conquistando-o, você dominava a embocadura do rio, que era a principal via de penetração para o interior, inclusive para a cidade. A cidade, originalmente, não está voltada para o mar, ela está voltada para o rio.

A cidade antiga, a Cidade Alta, fica próxima ao rio. Os dois bairros iniciais de Natal, a Cidade Alta e a Ribeira, têm uma relação com o rio. Uma olha o rio de cima, outra está aos pés do rio, quer dizer, a Ribeira é a parte do porto propriamente. A Ribeira se desenvolve em torno do porto, então, ela é sempre uma área comercial porque existe em torno do porto. É a área inclusive de prostituição durante muito

⁶ Fortaleza dos Reis Magos, construído em 1599, marco inicial da cidade do Natal. (MIRANDA, 1999)

⁷ Igreja de Nossa Senhora da Apresentação, padroeira de Natal.

⁸ Praça situada no bairro da Cidade Alta.

tempo da cidade, a prostituição se desenvolve em volta do porto para atender aos homens que chegam do comércio.

Como Cascudo⁹ vai descrever, Natal tem originalmente esses dois espaços como espaço nuclear da cidade, até o final do século XIX. A rivalidade entre os dois é uma rivalidade entre xarias e canguleiros¹⁰, que eram habitantes da Cidade Alta e habitantes da Cidade Baixa, que inclusive alagava a Ribeira.

Você tem aquela ladeira pronunciada que existe até hoje que ligam as duas coisas. Câmara Cascudo justamente dizia que a casa dele era o ponto de conexão entre as duas partes da cidade porque ele morava na ladeira e a casa dele se localizava no meio, então, ele seria esse ponto de união entre essas duas cidades. Ele fazia questão de dizer que nasceu canguleiro, que nasceu na Ribeira. A geografia de Natal era basicamente até o começo da República¹¹.

É com a República que você vai ter o primeiro projeto de construção de uma área projetada que é o Tirol e Petrópolis, a chamada Cidade Nova. Veja que você tem a Praça Cívica como o centro e tem toda uma geografia quadriculada, a praça Cívica hoje se chama praça Pedro Velho, que é o fundador da República (Jornal). Líder da implantação da República no Rio Grande do Norte.

Petrópolis não é uma homenagem à cidade do Rio, nem a Pedro I ou Pedro II como é Petrópolis do Rio. A Petrópolis daqui é em homenagem a Pedro Velho, ou seja, uma coisa personalista. Como é um bairro novo, têm a ver com a novidade, que quer justamente simbolizar a modernidade, a novidade da República, os nomes das ruas são os presidentes da Primeira República. Cada rua é um administrador da Primeira República.

Aí você vai ter a produção de três espaços marginais. O Passo da Pátria, que já surge ali perto do porto, perto do rio, os pobres vão morar ali. As Rocas¹², que está ligada justamente à atividade da pesca no Atol das Rocas, por isso se chama Rocas. Porque o Atol das Rocas é um atol riquíssimo em peixes e fica no litoral do Rio Grande do Norte.

⁹ Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), folclorista, professor e advogado.

¹⁰ Xarias e Canguleiros são referências às pessoas que comem os peixes xaréu e cangulo, respectivamente. Xarias eram os moradores do bairro Cidade Alta, a elite natalense no final do século XIX e início do século XX, enquanto canguleiros eram os moradores das Rocas e Ribeira, bairros próximos ao rio Potengi e de baixo poder aquisitivo.

¹¹ Jornal impresso da cidade, fundado em 1899 pelo ex-governador Pedro Velho. Hoje o prédio abriga hoje o Museu da Imprensa do Rio Grande do Norte.

¹² Um dos mais antigos bairros de Natal, vizinho à Ribeira, na parte baixa da cidade.

A maioria dos pescadores das Rocas trabalhava no Atol, e a Praia do Meio, que era na verdade uma vila de pescadores. Paulatinamente, com a construção da Cidade Nova e a abertura da avenida beira mar, que é feita já depois da Segunda Guerra Mundial pelo prefeito Sylvio Pisa Pedroza¹³, utilizando inclusive as máquinas deixadas pelos americanos em Parnamirim, os mesmos que abriram o acesso à Natal.

Quando os americanos chegaram aqui, Natal era completamente cercada de dunas, uma cidade que só tinha acesso por meio do rio, por isso Macaíba¹⁴ com o tempo se tornou um porto muito mais importante do que Natal. Toda a produção do interior vinha para Macaíba, que era um porto do rio anterior a Natal. Então, por exemplo, todo o comércio do algodão vinha por Macaíba. Natal era o segundo porto de saída do rio. Cascudo costumava dizer, que Natal era uma espécie de castelo feudal, que era cercada de “muralhas” de dunas por todos os lados.

Foram os americanos que rasgaram essas dunas e fizeram essa estrada que dá acesso à Natal, vindo por Parnamirim, essa que a gente até hoje transita passando pela base aérea, que era o antigo aeroporto. Essas máquinas foram utilizadas pelo prefeito Sylvio Pedroza depois da Segunda Guerra Mundial para rasgar a avenida na Praia do Meio, e com isso ele empurrou os pescadores para dentro. Eles foram habitar aquela encosta da rua Getúlio Vargas que hoje que é a chamada Rua do Motor.

A classe média começou a construir casas de veraneio. Inclusive ali tem o primeiro hotel da cidade¹⁵. Os pobres, os marinheiros e os pescadores foram empurrados para trás, passaram a morar naquelas encostas. Naquele escarpado lá em cima, que é a rua do Hospital Universitário¹⁶, que tem uma vista belíssima.

A assimetria fica bem demonstrada...

Muito clara socialmente. Fica ali em cima, olhando para os pobres ali embaixo. E claro, a Praia do Meio com o tempo foi tendo ocupações no mangue. (...). As Rocas foi se ampliando, foram surgindo outros bairros, foram ocupando áreas de mangue e áreas que são oficialmente da Marinha, terrenos da União, que não poderiam ser ocupados.

¹³ Prefeito de Natal entre 1946 a 1951.

¹⁴ Município circunvizinho à Natal compõe juntamente com São Gonçalo, Extremoz e Ceará-Mirim a região metropolitana de Natal, oficializada pela Lei Estadual 6.689/97 (NATAL, 1999)

¹⁵ Hotel Reis Magos situava-se na Praia dos Artistas e foi demolido em 2020.

¹⁶ Hospital Universitário Onofre Lopes, da UFRN.

Quando construíram o Machadão¹⁷, nos anos 70, era no meio do nada. Ponta Negra era uma praia longínqua de veraneio, as pessoas iam para lá veraneiar, tinham casas de veraneio muito longe da cidade. Ali também foi construído o campus da universidade federal, que foi uma ocupação inclusive ilegal de uma fazenda, que não sei se a universidade ainda está pagando, mas a família ganhou na justiça e a universidade pagava precatórios durante anos dessa ocupação.

E por que ela (a UFRN) foi colocada ali? Ela foi colocada do lado do quartel do Exército, justamente nos anos 70 em um momento da ditadura, as universidades estavam no foco, elas eram suspeitas de subversão, então, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte foi colocada a um tiro de canhão do Exército.

Até hoje no Setor II¹⁸, a gente escuta o treinamento de tiro nas baterias do Exército, o que inclusive é um perigo porque elas ficam próximas do ponto de ônibus do Setor. A universidade era facilmente ocupada pelos militares em um caso de greve, de revolta estudantil, dos professores. Era uma coisa absolutamente estratégica, como aconteceu em Fortaleza (...).

Porque justamente a política era afastar a universidade das cidades. Você rapidamente poderia cercar a universidade de policiais, de militares. Mas o que aconteceu? A construção do Centro Administrativo¹⁹ puxou a cidade para lá, levou a cidade a ter um novo centro. A construção do Centro Administrativo, que foi ao lado do estádio... Quando o estádio foi construído não tinha nada em volta. Me lembro de vir a um jogo aqui no começo dos anos 70, a gente descia no meio do nada, só tinha areia.

Natal é de areia, uma cidade de lagoas e areia. Vários bairros têm nomes de lagoas: Seca, Nova etc. É uma cidade que tinha um solo facilmente permeável porque era de duna e à medida que foi sendo asfaltada, não foi fazendo a drenagem. Por isso Natal é uma cidade que alaga com maior facilidade.

Natal até hoje é uma cidade que não tem muitas entradas. Porque era uma cidade sitiada pelo rio. Depois é que ela começou a crescer pós-rio. O rio sempre foi um marco de segregação na cidade. As primeiras coisas que foram construídas depois do rio foram um leprosário, um presídio João Machado.

¹⁷ Estádio de futebol João Cláudio de Vasconcelos Machado, que localizava-se na Zona Sul de Natal, no bairro Lagoa Nova. Foi demolido em 2011 para construção da Arena das Dunas, estádio construído para sediar a Copa do Mundo de 2014.

¹⁸ Setor de aulas do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes- CCHLA da UFRN.

¹⁹ Centro Administrativo do Governo do Rio Grande do Norte, no bairro Lagoa Nova em Natal.

Então, as primeiras construções pós-rio, tirando as comunidades de pescadores como é a Redinha, que é uma comunidade de pescadores, tradicional, antiga, eles viviam ali tanto de pescar no mar como de pescar no rio. Todas as outras coisas construídas pós-rio eram espaços de segregação.

Natal é uma cidade que o rio serve como espécie de fronteira, de limite, uma forma de segregar quem está do outro lado. Até hoje, ser da Zona Norte é “ser menor”. Quando alguém diz “Eu sou ZN”, significa “Eu sou menos do que quem mora do lado de cá”. A Natal turística, que é vendida como Natal, ela acaba no rio e sequer inclui a Zona Oeste.

A Zona Oeste, por exemplo, começa com a construção dos primeiros conjuntos habitacionais, no começo dos anos 60 com a gestão Aluízio Alves, que é o primeiro governador eleito dentro do que a gente chamaria de populismo político. Aluízio surge politicamente durante a ditadura Vargas e vai no começo dos anos 60 fazer o que se chamou a primeira campanha política populista, de grandes passeatas na rua, de utilização do rádio, de toda uma simbologia.

Ele utilizava o verde branco, bandeiras verde e branca, por isso ele bota o nome de Cidade da Esperança²⁰. O governador que vai trazer a Aliança para o Progresso²¹, que vai trazer muitos investimentos americanos. Porque tem essa ligação com a presença americana aqui nos anos 40.

A Aliança para o Progresso investiu muito dinheiro no Rio Grande do Norte, principalmente porque era um espaço de barragem do avanço do comunismo, que era representado principalmente pela Paraíba e Pernambuco, por causa das ligas camponesas. A Igreja Católica do Rio Grande do Norte sempre foi conservadora, se contrapôs à Igreja Católica progressista de Pernambuco, da Paraíba.

E aqui foi fundamental. É aqui que a Igreja Católica criou todo o movimento da educação rural através do rádio. A primeira rádio do Rio Grande do Norte se chama Rádio Educadora, fundada pela Igreja com a participação de intelectuais como Câmara Cascudo.

É muito interessante porque é no Rio Grande do Norte que Paulo Freire testa pioneiramente o “método Paulo Freire”, em Angicos. Porque Paulo Freire era um intelectual católico. O movimento de educação inicialmente não era visto como uma

²⁰ Bairro da Zona Oeste da cidade do Natal.

²¹ Político do governo dos Estados Unidos para aumentar sua influência nos países da América Latina durante o Projeto Guerra Fria.

coisa comunista. As ideias dele são influenciadas por uma visão específica do cristianismo.

Veja, Dom Eugênio Sales, que vai ser o grande líder da Igreja Católica conservadora durante a ditadura militar, sai do Rio Grande do Norte, formado aqui pelo seminário de Caicó que é um seminário tradicionalmente de formação de gente conservadora. Se contrapõe ao seminário de Olinda, que era um seminário sobre a influência de Dom Hélder Câmara, que vai formar grandes nomes da Igreja Católica progressista.

Então o Rio Grande do Norte é uma espécie de barreira contra a Paraíba e Pernambuco que são considerados estados perigosos, vermelhos. (...) Natal tem toda uma relação com o pioneirismo na aviação porque é um dos primeiros lugares onde pousa avião no Brasil.

Os hidroaviões pousam no rio Potengi pela posição geográfica, um lugar estratégico. Para você chegar à América, o primeiro ponto que você toca é em Natal, o ponto mais próximo na América do Sul da Europa é Natal. Por isso você tem toda essa história, inclusive da base aérea e depois a própria base de lançamento de foguetes, a Barreira do Inferno²².

Natal viu aviões muito cedo, no começo do século você tem os primeiros circum-navegadores do mundo que passaram por Natal. O Gago Coutinho, por exemplo, os portugueses que fizeram um voo de volta ao mundo, eles desceram em Natal porque aqui era um lugar tradicional de pouso.

Então, como eu ia dizendo, o Aluizio Alves é responsável então pela construção da parte Oeste, começa com a Cidade da Esperança, que são conjuntos habitacionais. Que vai ser toda a história da Zona Norte. A Zona Norte é toda de conjuntos habitacionais que são construídos, a partir da criação das Cohabs, do BNH, feito pela ditadura.

Você tem essa expansão enorme porque você tem no pós 70 uma explosão do crescimento da cidade por causa da seca. A grande seca de 70 traz uma multidão para cá, como é o caso do bairro do Alecrim. O bairro do Alecrim surge nos anos 30 por causa da grande seca de 32. É um bairro que vai surgir a partir da migração.

²² Base da Força Aérea para lançamento de foguetes, localizada no município de Parnamirim, distante aproximadamente 15 km da capital potiguar.

O Alecrim tinha basicamente o açude, que era o Baldo²³ e você tinha o cemitério. O bairro surge em torno do cemitério. A partir de determinado momento, há uma política de se construir cemitérios fora da cidade. Por uma questão de higiene, eles têm que ficar fora da cidade, contra o vento.

Então, o cemitério do Alecrim é construído justamente para isso. Ele se chama Alecrim por causa do cheiro de alecrim que era usado, das flores que eram usadas para colocar lá no cemitério. É um bairro que vai sendo organizado, planejado, tanto é que ele é um bairro que tem ruas numeradas.

O Alecrim vai se tornar, posteriormente, um bairro comercial por causa da sua proximidade com a Cidade Alta. Porque o Alecrim vai se desenvolver um grande bairro popular e que vai desenvolver o que ele tem até hoje que é um comércio popular, ou seja, aquela população ali não pode comprar na Cidade Alta.

O comércio da Cidade Alta é um comércio chique. Quer dizer, antes da existência dos shoppings, dessa nova área da cidade, comprar na Rio Branco era coisa da elite. A avenida Rio Branco era avenida de elite, inclusive, se chamava Rio Branco porque copiava a avenida principal da cidade do Rio de Janeiro.

Ali era tudo chique. A população pobre comprava lá no Alecrim. Surgiu o que: Uma grande feira. O Alecrim é uma feira, como é até hoje. Só que, paulatinamente, o Alecrim vai ser beneficiado pela proximidade com a Cidade Alta porque a população da Cidade Alta começa a comprar no Alecrim coisas mais baratas ou coisas que vem do campo. O Alecrim é uma feira por onde entra muita coisa do campo porque muita gente que mora tem vínculo ainda com o campo.

Muitos ainda trabalham inclusive no campo e moram lá, então, trazem coisas. É um bairro que paulatinamente vai desenvolver inclusive uma cultura própria, por exemplo, vai ter um teatro próprio, uma série de coisas próprias, cinema próprio mais barato. Ele vai deixando de ser um bairro residencial para ir se tornando um bairro comercial, completamente.

Veja como é comum, a partir dos anos 80, os centros antigos das cidades vão se esvaziando. A Cidade Alta foi se esvaziando, quase ninguém mais mora na Cidade Alta. Vai ficando inclusive perigosa para se morar por causa do deserto. É o que está acontecendo com o Alecrim hoje. À medida que o Alecrim está se convertendo em um bairro comercial, as casas comerciais todas fecham, o Alecrim fica um deserto.

²³ Viaduto do Baldo, localizado entre a Cidade Alta e o Alecrim.

Veja como é completamente diferente do Morro Branco, que é um espaço muito especial porque é uma pequena área popular que ficou arrinconada perto da duna e perto de um bairro classe média alta que é Petrópolis e o Tirol. Morro Branco é um bairro interessantíssimo porque você passa lá, as pessoas ainda sentam nas calçadas, ainda tem todo um burburinho, quer dizer, não é um lugar deserto. Mesmo de noite você passa no Morro Branco, as pessoas estão nas ruas conversando. Mas é pouco, é uma coisa pequena. Essa parte popular do Morro Branco é muito pequena.

Porque ficaram aprisionados perto da duna, não é? Uma área que ninguém queria residir porque você sabe que duna se movimenta. Você tem medo da própria invasão da duna. Não é uma coisa fixada, se move, então, ninguém de classe média quer propriamente morar perto de uma. Isso sobra para os pobres, essas fímbrias marginais, essas pequenas faixas marginais, como é o Passo da Pátria, uma faixa marginal entre a Cidade Alta e a Ribeira, na margem do rio e perto da linha férrea, onde os ricos não querem morar, nem a classe média.

A Ribeira tinha, no começo do século 20, por exemplo, durante a Segunda Guerra Mundial, o hotel mais chique da cidade, que foi esvaziado completamente. Ainda tem repartições públicas importantes, mas dá medo você ir à Ribeira à noite. Aquilo foi ficando praticamente deserto. Você tem repartições públicas, uma vida boêmia noturna.

É um bairro que ainda continuou com a boêmia em torno do porto, mas é por um lado uma boêmia popular e por outro uma boêmia intelectual, de artistas. Cascudo era um frequentador assíduo da Ribeira, Newton Navarro²⁴ era um frequentador assíduo da Ribeira. A obra literária de Newton Navarro é basicamente a Cidade Alta, a Ribeira e a Redinha... aquela área em torno do rio. Os quadros dele retratam muito esses rapazes populares, pescadores, marinheiros.

Aquela região da Ribeira foi a grande região de prostituição durante a presença dos americanos. Durante a Guerra, Câmara Cascudo, por exemplo, era o chefe da Defesa Civil da cidade, ele foi ao Rio de Janeiro e recebeu instrução para atuar durante a Guerra. Natal era uma cidade que ficava escura, que tinha “lockdown” todas as noites.

Como estava a base aérea aqui, ela podia ser um alvo de ataque a qualquer momento. Então, durante a Guerra, durante a noite em Natal, ninguém podia ligar as

²⁴ Dramaturgo, poeta, artista plástico e pintor potiguar (1928-1992).

luzes. A cidade apagava todas as luzes e as pessoas ficavam à base de candeeiro novamente.

Aqui virou um alvo. Isso fez da cidade um mal. Você tinha treinamentos todos os dias, as pessoas foram instruídas a construir “bunkers” nos quintais e construir lugares para se abrigar. Você tinha periodicamente treinamentos, então acionava sirenes e as pessoas tinham que apagar as luzes e entrar nos “bunkers”.

Ao mesmo tempo foi uma cidade que, de repente, se viu com 30.000 homens. Uma cidade que tinha em torno de 40.000 pessoas. Natal atraiu quase todas as prostitutas da região. Virou um grande centro de prostituição. Por exemplo, em Campina Grande, um grande cassino fechou durante a Segunda Guerra Mundial porque todo mundo vinha pra cá, todas as prostitutas migravam de Campina Grande para cá.

As cafetinas de Natal ficaram riquíssimas, Maria Boa²⁵ terminou rica. E permaneceu a vida toda calada, ela não podia dar entrevista porque sabia de coisas do arco da velha das elites dessa cidade, que ao mesmo tempo garantia a ela proteção.

Como a obra de Câmara Cascudo retrata a cidade do Natal?

A Natal de Câmara Cascudo é também a Natal da Cidade Alta e da Ribeira, nessa contraposição de xarias e canguleiros, que são dois tipos de peixe, um peixe mais popular e um peixe mais sofisticado (uns comiam xaréu, outros comiam cangulo). Isso definia uma rivalidade, que tinha a ver inclusive com a geografia da cidade, a hierarquia social aparecia na geografia da cidade: o morador da Cidade Alta estava acima do morador da Ribeira.

A Ribeira é um lugar onde muita gente da Cidade Alta trabalhava. Os comerciantes, por exemplo, o pai de Câmara Cascudo vai construir um verdadeiro “principado” do Tirol, no bairro novo do Tirol.

Uma casa monumental que ocupava todo o quarteirão, a casa de Francisco Cascudo tinha saídas para quatro ruas... é naquela área onde hoje fica a igreja de Santa Terezinha. Aquela igreja foi construída pelo pai de Cascudo e fazia parte do complexo da casa dele. Era uma casa, na época, distante da cidade. Uma casa que exigia o uso de charrete para ir, porque era longe e lá Cascudo, o pai, recebia os grandes nomes que passavam pela cidade.

²⁵ Cafetina potiguar, dona do mais famoso prostíbulo da cidade.

Lá era uma espécie de hotel, quando as pessoas ficam não quero uma casa tão grande né que todo, por exemplo, quando Mário de Andrade veio aqui em 1928, ele ficou hospedado no principado do Tirol, ficou hospedado na casa de “Casquinho”, como ele chamava Cascudo. Mário chega através do rio, ele vem de navio que era a principal forma de transporte nesse momento.

E o que o atraiu (Mário de Andrade) para cá, efetivamente?

Mário de Andrade vem fazer pesquisa de material folclórico. Os modernistas consideravam que o norte e o nordeste eram as áreas culturalmente mais tradicionais do país, aqui você vinha colher material para produzir uma arte moderna, que só São Paulo era capaz de fazer. São Paulo era o lugar do moderno, aqui é o lugar da tradição, então você vem buscar a tradição aqui.

Já era um olhar estereotipado, ele vinha com o olhar formatado para encontrar a tradição?

Sim, claro... e hierárquico, aqui ele vinha buscar a tradição. Ele desembarcou inicialmente numa das cidades mais modernas do Brasil, que era o Recife. Recife era a terceira maior cidade do país nesse momento, era uma cidade cosmopolita que recebe informações do mundo inteiro. Recife tem padarias francesas, casas de moda francesa, inglesa... mas ele não vê isso, por quê? O olhar vem ver o quê? O maracatu vem ver o caboclinho, o cantador de embolada, o cantador de coco... ele vem colher esse material.

(...) Bem, então a Natal de Cascudo é a Natal antiga, que vai no máximo até o Alecrim, mas as falas dele sobre o Alecrim tem muito preconceito. É muito interessante porque Cascudo é uma pessoa que circula das elites para as camadas populares, alguém que vai realmente às camadas populares. Ele vai ver as manifestações, as festas populares, mas ele não deixa de ter uma visão hierárquica o tempo todo, o olhar dele é hierárquico.

Por exemplo, quando ele tende a fazer uma diferença entre o corpo popular e o corpo das elites: O corpo aristocrático, que é um corpo vertical, verticalizado, e o corpo popular é o corpo horizontalizado, quer dizer, o homem do povo é um homem

que o seu corpo tende a se horizontalizar. Quer dizer o remexido, o rebolado nas manifestações culturais populares... esse corpo é muito menos ereto, muito menos disciplinado, militarizado.

Cascudo é filho de um militar, Francisco Cascudo era da polícia militar, antes de se tornar o comerciante mais rico do estado. Então ele (Cascudo) tem uma coisa militarizada, tanto é que ele tem uma grande proximidade com os militares, inclusive os militares norte-americanos quando estão aqui, ele discursa em todas as cerimônias que tem aqui durante a guerra, ele tem o treinamento para ser o chefe da defesa civil, e depois, em 1964 ele tem uma grande proximidade com os ditadores, inclusive o João Batista Figueiredo.

Você se interessava por Cascudo, quando já estava escrevendo a *Invenção do Nordeste*?

Sim, porque o discurso do folclore é um discurso muito importante para a construção da ideia de cultura nordestina. Só que o nordeste é uma das áreas que dá mais folclorista por quilômetro quadrado. Eu não podia incluir mais o discurso do folclore na *Invenção do Nordeste*, era inabarcável, porque só Cascudo significaria ler 165 obras, fora todos os outros folcloristas (...).

Então eu deixei o discurso do folclore fora da *Invenção do Nordeste*, e quando eu acabei a minha pesquisa sobre a masculinidade do nordeste, a invenção da figura do “cabra macho”, aí eu fui fazer uma pesquisa sobre a invenção da ideia de cultura Nordestina. Foram 10 anos de pesquisa, que resultou nos dois livros: *A feira dos mitos* e *O morto vestido para um ato inaugural* são dois livros que nascem dessa pesquisa longuíssima que não é só Cascudo, é Cascudo e mais outros folcloristas. Cascudo tinha uma grande rede, não só nacional, mas internacional, ele é um homem pioneiramente em rede, inclusive em rede literalmente porque ele fazia as coisas na rede (risos).

(...) Cascudo num determinado momento passa a ser aquele que legitima qualquer um, então todo mundo procura Cascudo. Inclusive todos os intelectuais da cidade, artistas, passam a girar em torno de Cascudo, porque você ter uma resenha de Cascudo sobre seu livro, ter uma palavra sobre sua obra era fundamental para a sua consagração, para sua colocação na cidade.

Ninguém quer ficar mal com Cascudo porque ele passa a ter um poder enorme na cidade, poder simbólico imenso, que com o passar do tempo tem uma simbiose, inclusive com a cidade, com o estado. Você falar mal de Cascudo é falar mal de Natal e falar mal do Rio Grande do Norte então, se você critica Cascudo, você está criticando a cidade.

Temos uma pergunta sobre a cidade do Natal. Qual seria o lugar de Natal no contexto do nordeste brasileiro? Ela teria uma proximidade, ou ela é muito diferente de outras capitais como, por exemplo, João Pessoa e Recife?

Inicialmente, como eu disse, Natal era muito isolada, isolada inclusive territorialmente. As dunas faziam um arco em torno da cidade, e a cidade tinha uma difícil comunicação. Ela é uma cidade que fica muito pequena, é uma cidade provinciana, extremamente provinciana e isso vem romper-se com a chegada dos americanos aqui.

Embora fosse uma cidade com uma rota da aviação, era uma cidade muito fechada em si mesma. As elites daqui tinham uma ligação com Recife, uma dependência enorme do Recife, as elites iam para o Recife se formar, quer dizer era o grande centro econômico da área, por isso a ideia de nordeste surge no Recife.

Recife era o centro econômico, o grande porto, as estradas de ferro, a malha ferroviária que foi construída ao longo do século XIX e começo do século XX caminhava toda para o Recife. Então, por exemplo, a produção do algodão que no começo do século XX, se torna a principal atividade econômica do Rio Grande do Norte, é toda canalizada para o Recife.

E é o centro cultural também nessa área, porque os intelectuais daqui, todos vão para Recife, os filhos das elites daqui vão pro Recife fazer a faculdade, de direito normalmente. Câmara Cascudo inicialmente é uma exceção²⁶ porque o pai é muito rico, assim como foi o Sílvio Pedrosa ou Augusto Severo, que foi para Paris.

Recife era um grande centro, inclusive que tinha o único jornal que circulava na região, que era o Diário de Pernambuco, jornal mais antigo da América Latina que existe desde 1825 e que chegava nessas capitais de noite no trem. Em Natal chegavam de tarde porque é mais próximo do Recife, Fortaleza por exemplo, o jornal chegava de

²⁶ O professor Durval explica que Câmara Cascudo foi estudar medicina na Bahia, não tendo êxito na investida. Posteriormente estudou direito na Faculdade de Direito de Recife.

noite. Era um jornal que circulava de Maceió até Fortaleza, é por isso que ele vai ser também importante na divulgação da ideia do nordeste.

O Rio Grande do Norte é durante muito tempo um estado de menor importância econômica na região, por exemplo, do ponto de vista da economia açucareira nunca foi um estado importante como a Paraíba, Pernambuco e Alagoas são. Tem uma produção açucareira, sempre teve uma elite açucareira, que inicialmente é responsável pela instalação da República no Rio Grande do Norte, mas que logo na metade dos anos 10 é substituída pela elite algodoeira. (...) Natal é uma cidade que até hoje não é uma grande capital, se comparada a outras capitais do nordeste.

Natal é muito natureza, a identidade de Natal tem muito a ver com a natureza, com a praia. Por exemplo, a maior parte da pintura de Newton Navarro é pintura marinha, é pintura de paisagem. Ou a Natal da Ribeira, Natal das manifestações culturais populares, por exemplo, é a Natal também do Alberto Maranhão dando apoio às manifestações populares; da campanha *De pé no chão também se aprende a ler*.

Tem também a história da “cidade vermelha”, porque aqui foi um dos lugares onde aconteceu a Intentona Comunista de 35, o cartel da polícia aqui foi tomado pelos comunistas, a cidade foi administrada pelos comunistas uma semana. Não é um simples motivo, o lugar é estratégico e por causa disso tratava uma cidade militarizada, então para você entender a própria formação territorial de Natal, você tem que entender essa presença maciça das forças armadas aqui.

A própria configuração da cidade, ela se dá entre áreas militares. A cidade é toda construída entre áreas militares, então você tem uma grande presença da marinha na embocadura do Rio, toda aquela área da embocadura do Potengi que é uma área estratégica. Você tem a presença do exército no meio da cidade, dentro da cidade, do lado da universidade, toda aquela reserva florestal é mantida... A reserva florestal das dunas, perto da praia, é mantida porque é uma área militar, e por isso que nunca é invadida, você tem inclusive placa para todo lado, você pode levar tiro.

Você tem toda a presença da aeronáutica na área de Parnamirim, E você tem presença de vilas militares em vários lugares da cidade. Tem no Alecrim vilas militares, porque tem a moradia dos militares (...) a organização espacial da cidade tem muito a ver com a presença militar, porque é uma cidade estratégica, é uma

cidade estratégica em relação ao Caribe, à América do Norte, à África e à Europa.

Como é que nessa cidade, que tem todos esses atrativos da natureza, desse clima, de praia, litoral... como é que essa estética do cangaço é tão presente?

Porque assim como Câmara Cascudo, todos os grandes intelectuais do Rio Grande do Norte construíram a identidade nordestina e do Rio Grande do Norte a partir do sertão. É o espaço do sertão que é privilegiado. Cascudo nunca viveu no sertão, Cascudo nasceu na praia e viveu na praia, mas toda obra de Cascudo é em torno do sertão. O sertão é um espaço de construção do nordeste, até para se contrapor à Gilberto Freyre. O nordeste de Gilberto Freyre é o nordeste do litoral, da Casa Grande, da senzala.

Referências

- ALBUQUERQUE JR, Durval. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.
- LIMA, Pedro. **Natal século XX: do urbanismo ao planejamento urbano**. Natal: EDUFRN, 2001.
- MIRANDA, João M. **Evolução urbana de Natal em 400 anos**. Natal, 1999.
- NATAL, Prefeitura Municipal. **Natal 400 anos depois**. Natal: Fundação José Augusto, 1999.

Recebido: 06 Mar 2023

Aceito: 30 Mar 2023